



Praça do Martim Moniz Entre a intervenção e a revitalização

Nuno Rodrigues



Mestrando em Estudos
Urbanos no ISCTE-IUL.
Assistente de investigação
no DINAMIA CET – IUL.

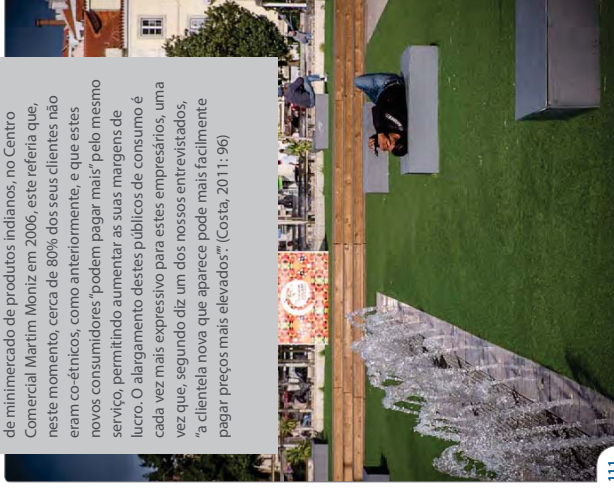
História e Contexto da Praça do Martim Moniz

A praça do Martim Moniz situa-se entre o Bairro da Mouraria e a Colina de Santana, delimitada a sul pelo Hotel Mundial, e a norte pela Rua Fernandes da Fonseca. A praça encontra-se enquadrada por diversos edifícios, como o já referido Hotel Mundial, os Centros Comerciais Mouraria e Martim Moniz, ou os recentes prédios habitacionais construídos pela EPUL. Existe uma rede viária que circunda a praça, de considerável dimensão e tráfego, e que influencia as relações entre a praça e a área que a circunda. Apresenta uma forma retangular, e nela encontram-se, entre outros elementos, um monumento que evoca a figura/lenda de Martim Moniz, alguns repuxos, diversas tendas e quiosques, bem

Notas

¹ Hoje, na zona do Martim Moniz, é possível fruir de uma oferta étnica cada vez mais expressiva e diversa, que conta também com uma clientela cada vez mais diversa. Numa entrevista ao dono de minimercado de produtos indianos, no Centro Comercial Martim Moniz em 2006, este referia que, neste momento, cerca de 80% dos seus clientes não eram co-étnicos, como anteriormente, e que estes novos consumidores “podem pagar mais” pelo mesmo serviço, permitindo aumentar as suas margens de lucro. O alargamento destes públicos de consumo é cada vez mais expressivo para estes empresários, uma vez que, segundo diz um dos nossos entrevistados, “a clientela nova que aparece pode mais facilmente pagar preços mais elevados” (Costa, 2011: 96)

Imagem
Plan



Relativamente à praça, é ainda de referir que se trata de um espaço exterior e aberto, com um elevado grau de exposição aos fenómenos climáticos - luz solar, temperatura, vento, chuva, entre outros -, o que influencia a apropriação da praça.

A história da Praça do Martim Moniz encontra-se associada a um “urbanismo civilizador”, dado que a sua construção surge após a destruição da parte sul do bairro da Mouraria, nos finais da década de 40 do séc. XX, em relação ao qual existia uma imagem negativa que se estendia aos restantes bairros “populares/históricos”, tidos como palco de atividades marginais e de “vícios” (Guterres, 2012; Menezes, 2009; Menezes e Regimensi, 2009; Rodrigues, 2012). Ao longo da sua história, foi alvo de várias propostas e intervenções, sendo que algumas não chegaram a sair do plano, e outras não deixaram de ser alvo de polémicas (Guterres, 2012; Menezes, 2009; Menezes e Regimensi, 2009; Rodrigues, 2012). Entre estas, poderemos destacar a construção dos centros comerciais Mouraria e Martim Moniz na década de 1980, ou, em 1997, a construção de um parque subterrâneo na praça, obras na envolvente da mesma, a renovação da estação de metropolitana, e, posteriormente, a instalação de 44 quiosques na praça (Guterres, 2012; Menezes, 2009; Menezes e Regimensi, 2009; Rodrigues, 2012). A instalação dos quiosques não obteve o sucesso desejado, e, após algumas tentativas de dinamização comercial da área, grande parte destas estruturas foram retiradas no final de 2000, mantendo-se apenas 13 quiosques na praça (Guterres, 2012; Menezes, 2009; Menezes e Regimensi, 2009; Rodrigues, 2012). A praça manteve-se numa situação relativamente indefinida até ao momento da mais recente intervenção, em 2012, a qual será explorada posteriormente. Os centros comerciais referidos tornaram-se palco de atividades comerciais essencialmente protagonizadas pelas comunidades imigrantes que habitam a área envolvente à Praça, originárias de vários países dos continentes Asiático, Africano ou Sul-americano. No entanto, a existência de produtos/serviços conotados como “étnicos” não é exclusiva aos referidos centros comerciais, e a sua procura tem sofrido alterações - por exemplo, em alguns desses produtos/serviços, a maioria dos consumidores já não correspondem a outros imigrantes e membros de minorias étnicas¹ (Costa, 2011). A esta praça e aos territórios envolventes tem sido atribuída uma imagem/significado associado à multiculturalidade, a qual não é de toda pacífica e isenta de contradições, dado que, como referem autoras como Marluci Menezes, as imagens e significados da Mouraria e Martim Moniz não remetem somente para tal ideal, mas também para os de popular, típico, marginal, bem como para

processos de “emblemização e de estigmatização” (Guterres, 2012; Menezes, 2009, 2012; Menezes e Regimensi, 2009; Rodrigues, 2012). Por exemplo, foram identificados, em relação ao bairro da Mouraria, a existência de dois processos simultâneos mas potencialmente contraditórios, um de “etnicização” do espaço associado à presença de “diversidade cultural e étnica” e que tradicionalmente se associa a um processo de *filtering down*, e um processo outro que envolve uma gentrificação/nobilitação marginal recente e que tradicionalmente se associa a um processo de *filtering up* (Malheiros, Carvalho e Mendes, 2012) - sendo que, para o referido processo de nobilitação marginal, contribuem

Imagem 2 A e B
Demolições e espaço aberto para a construção da Praça do Martim Moniz. Eduardo Portugal, 1947. PT/AMLSB/EDP/000951 e PT/AMLSB/EDP/000948. Arquivo Municipal de Lisboa./Núcleo Fotográfico



as imagens e significados anteriormente referidos. Além disso, para uma melhor compreensão da atual intervenção na praça do Martim Moniz e dos seus possíveis efeitos, importa contextualizá-la com aquilo que são as dinâmicas a surgir em áreas mais próximas, como é o caso do Programa de Ação QREN na Mouraria, Intendente e Martim Moniz, a intensificação da atividade turística na cidade de Lisboa; os processos de regeneração urbana e de reconfiguração económica e funcional da Baixa Pombalina; as dinâmicas e projetos recentes e/ou em discussão em áreas próximas como os Anjos/Almirante Reis e a Colina de Santana; ou, num outro plano, mais estrutural, as alterações recentes no mercado de arrendamento e das políticas de regeneração urbana e a atual situação de crise económico-financeira.



Imagem 2 C
Rua da Palma e Praça Martim Moniz depois das demolições. Judah Benoliel, década de 1950. PT/AMLSB/IBN/004058. Arquivo Municipal de Lisboa./Núcleo Fotográfico

Imagem 2 D
Praça Martim Moniz, panorâmica. Amadeu Ferrari, 1950-1970. PT/AMLSB/FEF/003738. Arquivo Municipal de Lisboa./Núcleo Fotográfico

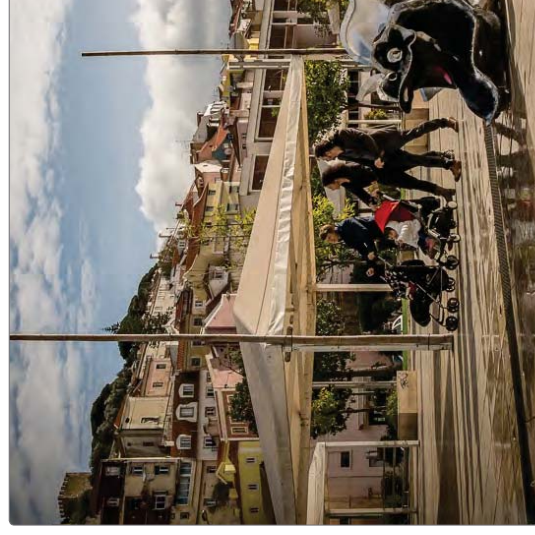


Intervenção

A atual intervenção é da responsabilidade da NCS, empresa na área do entretenimento com vários projetos na cidade de Lisboa, e que ganhou o concurso público para a concessão da praça². O projeto foi inaugurado em Junho de 2012, e teve como conceito principal o “multiculturalismo”, algo que se revelou desde logo no nome conferido ao mesmo, “Mercado de Fusão”. Sobre esta aposta, o responsável pela empresa NCS, José Rebelo Pinto, refere o seguinte: “Acho que as várias culturas existentes no Martim Moniz são o principal factor de diferenciação deste espaço. Ao juntar a esta multiculturalidade algum sangue novo tenho a certeza de que a receita pode ser única e explosiva”.³ Esta estratégia, referida em outras entrevistas e documentos⁴, demonstra o papel instrumental e comercial conferido ao ideal da multiculturalidade, a qual é tomada como diferenciadora deste espaço no contexto da cidade de Lisboa.

Imagem 3

“Dragão chinês” na praça do Martim Moniz. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.



113

O aspeto mais visível da intervenção corresponde à exploração de 10 quiosques, com esplanadas com capacidade para 300 pessoas, e que segundo José Rebelo Pinto iriam funcionar como um “qualquer centro comercial”. Relativamente aos quiosques, estes apresentam referências a várias “culturas/nacionalidades”, e correspondem a um conceito de “comida rápida”. Contudo, nem todos os quiosques apresentavam esta

Nota

2 <http://www.sapo.pt/lisboa-obras-da-epul-na-praca-do-martim-moniz-prontas-em-meados-de-junho=6663576>

3 <http://www.pensaislisboa.com/2012/11/a-conversa-com-ze-filipe-rebelo-pinto.html>

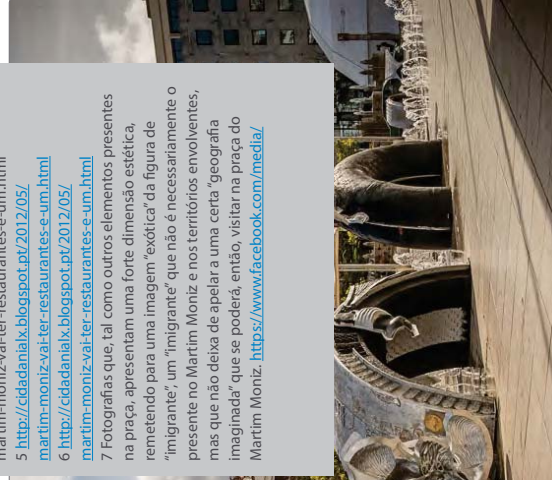
4 “A praça estava praticamente morta, embora fique próxima de zonas por onde os turistas circulam. Era preciso trazer sangue novo. Nunca entramos aqui com a ideia de varrer quem cá estava, mas sim de manter o carácter multicultural”, diz José Rebelo Pinto. “Mas achamos que só o público da Mouraria não é suficiente. Temos que cativar outros públicos: <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>”

5 <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>

6 <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>

7 Fotografias que, tal como outros elementos presentes na praça, apresentam uma forte dimensão estética, remetendo para uma imagem “exótica” da figura de “imigrante”, um “imigrante” que não é necessariamente o presente no Martim Moniz e nos territórios envolventes, mas que não deixa de apelar a uma certa “geografia imaginada” que se poderia, então, visitar na praça do Martim Moniz. <https://www.facebook.com/media/>

112



113

A programação de eventos/atividades na praça do Martim Moniz é variada. No entanto, é de destacar o facto de a praça do Martim Moniz acolher várias sessões do OutJazz, às sextas-feiras e alguns sábados. Aos fim-de-semanas tende a ocorrer uma feira com diversos produtos e atividades. A praça é ainda palco de sessões de cinema, ou algumas "aulas abertas", muitas vezes em formato *workshop*. Já foi igualmente palco de festivais e feiras temáticas, eventos pontuais com temas diversificados, e alguns concertos. Alguns destes eventos remetem para uma imagem multicultural, ainda que tal não seja de cariz obrigatório. A praça continua, contudo, a ser palco de alguns eventos não diretamente associados à intervenção, desde alguns eventos de religioso, bem como início da manifestação do Dia do Trabalhador. Nesta intervenção encontra-se igualmente presente uma ideia relacional entre a praça e os territórios mais próximos⁸, tal como admito pelo próprio responsável da NCS: "Não consigo pensar no Martim Moniz sem pensar na ligação entre estes três espaços [Martim Moniz, Intendente, Mouraria]. O projecto é comum a toda esta "nova" zona da cidade."⁹ Ainda sobre os planos futuros de dinamização da praça e a sua relação com o território

env...
 é o...
 Mo...
 Rea...
 imp...
 e re...
 foi c...
 Ace...
 A p...
 Mer...
 per...
 not...
 exis...
 igu...
 inte...
 etni...
 refe...
 não...
 são...
 8 No comunicado da EPUL, anunciando o contrato com a NCS e a estratégia para o espaço, é referida a existência de uma visão integrada e relacional para a praça: "(...) pretende-se proceder à recuperação de diversos equipamentos existentes no local e, através disso, promover um conjunto de iniciativas que possibilitem a revitalização social, cultural e económica da Praça, valorizando-a enquanto espaço de lazer, de comércio, de turismo, de animação e de confraternização cultural" <http://visao.sapo.pt/lisboa-obras-da-epul-na-praca-do-martim-moniz-prontas-em-meados-de-junho-#f663576>
 9 <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/dar-musica-ao-pessoal/>
 10 <https://www.facebook.com/MercadoUsaofotos/pb.4729567194493409-2207520000.1409668638/5735582291442571?ty=pe-3&h=teater>

Para este trabalho, foi também realizado um exercício etnográfico, que decorreu em 3 momentos diferentes (5-8 de Dezembro de 2014, 2-9 de Agosto de 2014, e 1-6 de Setembro de 2014),

o qual permitiu a identificação de alguns padrões ao nível do acesso e apropriação da praça do Martim Moniz. Mesmo considerando que não se tratam de áreas estanques e com fronteiras definidas, é possível observar 3 grandes zonas na praça do Martim Moniz, as quais serão apresentadas de forma sintética. Uma primeira, correspondente à parte sul, extremidades/margens e norte da Praça do Martim Moniz, tende a ser essencialmente apropriada por imigrantes e membros de minorias étnicas que habitam os territórios envolventes, geralmente homens - é possível observar uma desigualdade de género na sua apropriação, com uma menor presença de mulheres.

Imagens 4
 Quiosques, José Vicente, 2014. CIVIL/DMC/DPC.



Imagem 5
 Imigrantes a jogar cricket na praça do Martim Moniz, num final de tarde semanal. Nuno Rodrigues



Nesta zona encontram-se pessoas sentadas individualmente ou em pequenos grupos, bem como práticas mais "informais/spontâneas", como são exemplo o jogo de cricket ou de futebol. Em particular, os jogos de cricket, que tendem a ocorrer aos fim-de-semana e alguns finais de tarde, podem ser vistos como uma forma de sociabilidade por parte de uma determinada comunidade de imigrantes, dado que são observáveis jogos com 10-15 elementos e 15-30 pessoas a assistir aos mesmos. Uma segunda zona, correspondente à área entre o monumento ao Martim Moniz e os quiosques e as esplanadas, diz respeito a um espaço de transição - tanto pelas estruturas físicas aí encontradas (tendas, similares às encontradas nas esplanadas), por se tratar de uma área de atravessamento, por ser um espaço de comércio durante alguns momentos (geralmente ao fim-de-semana), bem como por aqui se encontrar uma maior diversidade de grupos, práticas e relações. Trata-se de uma zona que continua a ser maioritariamente ocupada por homens imigrantes, ainda que em menor proporção - sendo que, nos dias de atividades/eventos programados para essa área, os imigrantes tendem a encontrar-se em minoria. Contudo, continua a ser um espaço onde é possível encontrar práticas mais informais/spontâneas, como andar de bicicleta, patins em linha, ou jogar futebol - práticas geralmente realizadas por crianças. Por último, uma zona correspondente à área dos quiosques e das esplanadas, central na praça do Martim Moniz, e onde ocorre o essencial da atividade comercial e programação cultural e de lazer da NCS na praça. Trata-se de um espaço maioritariamente ocupado por turistas e pessoas que podem ser social e culturalmente "conotadas" como "brancas" e de nacionalidade portuguesa, as quais tendem a encontrar-se entre as idades dos 20 aos 35 anos.

Os quiosques tendem a abrir no final da manhã - e alguns só em períodos bastante próximos da hora de almoço -, devido à menor procura existente na praça, a qual se relaciona com a menor intensidade de apropriação verificada em toda a praça durante tal período. Em dias sem eventos/atividades programadas, os períodos de maior utilização desta zona correspondem às horas de almoço e jantar, sendo que tende a descer progressivamente a partir das 21h. É de salientar a diferença existente entre os ritmos "diários/quotidianos" da praça e os dias com eventos/atividades programadas, em particular quando ocorrem aos sábados, assistindo-se a um aumento considerável da intensidade de apropriação deste local - aumento que, apesar de se estender

Quando existente, e em particular em dias de eventos mais vocacionados para tal - como as sessões de cinema ou o OutJazz -, a apropriação do "relvado artificial" é bastante intensa e geralmente feita por jovens, os quais conversam entre si, bebem, assistem ao espetáculo, e, por vezes, dançam nesse espaço. Nestes eventos, a capacidade de atração de turistas é inferior à de pessoas "brancas" de nacionalidade portuguesa, os quais tendem a ser geralmente jovens da restante cidade/metrópole de Lisboa. Contudo, é de salientar que, apesar da desigualdade de género ser menor neste espaço, a desigualdade étnica aumenta, dado que os imigrantes e membros de minorias étnicas encontram-se praticamente ausentes desta zona - sendo que a diminuição da desigualdade de género é feita sem que tal corresponda a um aumento do número de mulheres imigrantes.

Slideshow
 Imagens das diversas ocupações da Praça, Nuno Rodrigues



Reflexões finais

As características a considerar em relação aos espaços públicos são múltiplas, quer numa perspectiva de análise quer numa perspectiva de intervenção. Desde as suas características físicas e relações geográficas, a sua propriedade jurídica, as formas de acesso e apropriação, a sua história e significados, entre outras. Sendo que se tratam de características que são mais processuais do que estanques, que envolvem conflitos, bem como a consideração das diferentes relações de poder e interesses envolvidos. Estas considerações tornam-se particularmente relevantes no caso de, para além do espaço público em causa, se tratar de uma intervenção que pretenda uma revitalização que englobe outros territórios envolventes, e/ou com os quais estabelece diversas ligações. E, em particular, devido ao facto de a revitalização urbana ser tomada como um instrumento no qual se “[...] desenvolve estratégias e promove um processo com carácter inclusivo e integrador, capaz de provocar iniciativas, projectos e actuações – de carácter transversal e sectorial, sendo um instrumento de gestão colectiva do território com capacidade para utilizar, como recursos próprios, programas urbanos muito diferenciados, de cariz mais social, económico ou cultural.” (Moura, Guerra, Seixas e Freitas, 2006: 15).

Neste sentido, e apontando para uma dimensão mais exploratória e problematizante do que conclusiva relativamente ao caso de estudo abordado, importa considerar a forma como a intervenção da NCS na Praça do Martim Moniz pode implicar, tanto no presente como num momento futuro, a considerações de conflitos e tensões existentes a diferentes níveis, bem como os seus efeitos nas populações e territórios envolventes. Ou seja, e mesmo considerando a existência de aspetos positivos e interessantes – como a requalificação e manutenção de parte do espaço público, ou a existência de uma oferta diferenciada ao nível cultural e de lazer no contexto da cidade de Lisboa que é aproveitada por outro tipo de públicos, e onde surgem diferentes formas de apropriação e de expressão de estilos de vida –, importa igualmente considerar outros elementos.

Desde logo, a possível distância entre o discurso do “multiculturalismo” e da “fusão” – que remete para a história do espaço e que é essencial para a criação de uma imagem distintiva e valorizadora do espaço em questão –, e a dificuldade de uma prática efetiva de inclusão dos imigrantes e membros de minorias étnicas no projeto, com reflexos concretos e visíveis na praça, em particular ao nível das diferentes interações que nela ocorrem entre diferentes sujeitos, bem como em diversas

Notas

- 1 “Hoje, na zona do Martim Moniz, é possível fruir de uma oferta étnica cada vez mais expressiva e diversa, que conta também com uma clientela cada vez mais diversa. Numa entrevista ao dono de um minimercado de produtos indianos, no Centro Comercial Martim Moniz em 2006, este refreia que, neste momento, cerca de 80% dos seus clientes não eram co-étnicos, como anteriormente, e que estes novos consumidores “podem pagar mais” pelo mesmo serviço, permitindo aumentar as suas margens de lucro. O alargamento destes públicos de consumo é cada vez mais expressivo para estes empresários, uma vez que, segundo diz um dos nossos entrevistados, “a clientela nova que aparece pode mais facilmente pagar preços mais elevados” (Costa, 2011: 96)
- 2 <http://visao.sapo.pt/lisboa-obras-da-epul-na-praca-do-martim-moniz-prontas-em-meados-de-junho=f663576>
- 3 <http://www.pensaislisboa.com/2012/11/a-conversa-com-ze-flipe-rebelo-pinto.html>
- 4 “A praça estava praticamente morta, embora fique próxima de zonas por onde os turistas circulam. Era preciso trazer sangue novo. Nunca entrámos aqui com a ideia de varrer quem cá estava, mas sim de manter o carácter multicultural”, diz José Rebelo Pinto. “Mas achamos que só o público da Mouraria não é suficiente. Temos que cativar outros públicos.” <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>
- 5 <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>
- 6 <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2012/05/martim-moniz-vai-ter-restaurantes-e-um.html>
- 7 Fotografias que, tal como outros elementos presentes na praça, apresentam uma forte dimensão estética, remetendo para uma imagem “exótica” da figura de “imigrante”, um “imigrante” que não é necessariamente o presente no Martim Moniz e nos territórios envolventes, mas que não deixa de apelar a uma certa “geografia imaginada” que se poderá, então, visitar na praça do Martim Moniz. <https://www.facebook.com/mesdia/set/?set=a.570150532998360.147818.472366719443409&type=3>
- 8 No comunicado da EPUL, anunciando o contrato com a NCS e a estratégia para o espaço, é referida a existência de uma visão integrada e relacional para a praça: “[...] pretende-se proceder à recuperação de diversos equipamentos existentes no local e, através disso, promover um conjunto de iniciativas que possibilitem a revitalização social, cultural e económica da Praça, valorizando-a enquanto espaço de lazer, de comércio, de turismo, de animação e de confraternização cultural”

<http://visao.sapo.pt/lisboa-obras-da-epul-na-praca-do-martim-moniz-prontas-em-meados-de-junho=f663576>

9 <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/dar-musica-ao-pessoal/>

10 <http://www.noticiasmagazine.pt/2014/dar-musica-ao-pessoal/>

11 <https://www.facebook.com/MercadoFusao/photos/pb.472366719443409.2207520000.1409668638.1575358229144257?type=3&theater>

Bibliografia

- Costa, F.L. (2011). Globalização, Diversidade e “novas” classes criativas em Lisboa - Economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural. *Sociologia, Problemas e práticas*, n.º 67, pp. 85-106.
- Guterres, A. (2012). Interações reflexivas sobre o novo plano - Martim Moniz. *Revista Buala*. Acedido em 10 de Setembro de 2014. <http://www.buala.org.pt/cidade/interacoes-reflexivas-sobre-o-novo-plano-martim-moniz>
- Malheiros, J., Carvalho, R., e Mendes, L. (2012). Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 97-128.
- Menezes, M. (2012). Debatedo mitos, representações e Convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)*, Número temático: Imigração, Diversidade e convivência Cultural, pp. 69-95.
- Menezes, M. & Regimensi, C. (2009). Processos insurgentes de cidadania: as múltiplas interpretações da relação entre materialidade dos espaços públicos e as práticas sociais. *Actas X Congresso Luso – Afro-Brasileiro de Ciências*, Vol 6, pp. 847-858.
- Menezes, M. (2009). A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, n. 32, pp. 301-328.
- Moura, D., Guerra, I., Seixas, J., & Freitas, M.J. (2006). A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo. *Cidades - Comunidades e Territórios*, nº 12/13, pp.15-34.
- Rodrigues, M.S.V. (2012). A “Mouraria alargada”, em favor de Babel. Dissertação de mestrado integrado em Arquitectura, Universidade do Minho

Panorâmica da praça do Martim Moniz. Nuno Rodrigues

